



Lusotopie

Recherches politiques internationales sur les espaces
issus de l'histoire et de la colonisation portugaises

XVI(1) | 2009

Afrique australe, Afrique lusophone. Mondes
fragmentés, histoires liées

Jérôme SOUTY, *Du regard détaché à la connaissance initiatique : Pierre Fatumbi Verger*

Paris, Maisonneuve & Larose, 2007, 517 p.

Patricia Birman



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/lusotopie/485>

ISSN: 1768-3084

Editora:

Association des chercheurs de la revue Lusotopie, Brill, Karthala

Edição impressa

Data de publicação: 30 Janeiro 2009

Paginação: 233-235

ISSN: 1257-0273

Refêrencia eletrónica

Patricia Birman, « Jérôme SOUTY, *Du regard détaché à la connaissance initiatique : Pierre Fatumbi Verger* », *Lusotopie* [Online], XVI(1) | 2009, posto online no dia 22 novembro 2015, consultado o 02 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/lusotopie/485>

Este documento foi criado de forma automática no dia 2 Maio 2019.

Tous droits réservés

Jérôme SOUTY, Du regard détaché à la connaissance initiatique : Pierre Fatumbi Verger

Paris, Maisonneuve & Larose, 2007, 517 p.

Patricia Birman

RÉFÉRENCE

Jérôme SOUTY, *Du regard détaché à la connaissance initiatique : Pierre Fatumbi Verger*, préface de Jean-Paul Colleyn, Paris, Maisonneuve & Larose, 517 p., 2007, ISBN-13 : 978-2706819834.

- 1 Um belo trabalho e um texto apaixonante sobre um personagem não menos envolvente – Pierre Verger, objeto de um olhar admirativo, afetuoso, mas atento aos perigos de uma idealização do personagem. Jérôme Souty descreve o percurso do fotógrafo, globe trotter, babalaô dos terreiros de candomblé e adivinho do culto de Ifá, além de etnógrafo francês associado ao CNRS. O livro é também o pretexto para que o autor discorra sobre as muitas faces de Verger de forma a fazer emergir os dilemas éticos, políticos e também epistemológicos de uma disciplina, a antropologia, pouco à vontade com (mas profundamente marcada pelos) projetos científicos, pela colonização e pelos modelos de progresso dominantes nos países ocidentais. A crítica da cientificidade e dos seus males acompanha a descrição cuidadosa que Souty nos oferece do distanciamento que Pierre Verger mantinha em relação à sua sociedade e a seu modelo de conhecimento. Esta atitude é correlata à proximidade vital que ele construiu com as pessoas que foram os seus « outros » : os povos africanos e seus descendentes no candomblé brasileiro, com os quais conviveu ao longo de sua vida no Brasil, no Benin e na Nigéria.
- 2 As escolhas de vida de Verger são descritas destacando as íntimas relações que estas possuem com a sua obra. O livro também aposta nos efeitos desconcertantes que as escolhas de Verger podem provocar ainda hoje em leitores acostumados com as etiquetas

acadêmicas. Com efeito, o propósito de Jérôme Souty é claro : fazer da vida e da obra de Verger um momento de reflexão crítica a respeito dos dilemas que se encontram no coração do trabalho antropológico contemporâneo. Uma atitude constante de menosprezo por suas origens burguesas, pelas formas de racionalidade ocidentais acompanhou em Verger um interesse efetivo pela alteridade, ou como afirma Souty, por um « desejo de alteridade ». Primeiramente, alteridades surpreendidas por sua câmera como fotógrafo e viajante e, progressivamente, como mensageiro cultural entre o Brasil e a África, como membro honorário do candomblé e como dignatário e sacerdote do culto de Ifá dispendo da amizade e confiança dos membros destes cultos e de suas lideranças sacerdotais. Ao longo dos quarenta anos no Brasil e dezessete na África, principalmente entre o Daomé e a Nigéria, Verger transformou-se em um defensor dos cultos e tradições afro-brasileiros. Sua obra reflete isto, ou melhor, confunde-se com isto. Ao invés de sofisticadas análises acadêmicas, predomina uma vasta coleção de trabalhos fotográficos que celebrizou seu autor e um significativo trabalho de levantamento dos repertórios culturais que Verger identificava como verdadeiramente africanos e/ou como depositários de africanidade. A multiplicidade de dados respondia, primordialmente, a seu desejo de restituição, para os sujeitos dessas culturas, do saber que acumulou ao longo de seu trabalho e à sua intenção de reconstituir historicamente (e também praticamente) os laços desfeitos pela escravidão entre os dois continentes.

- 3 A admiração pelo personagem que perpassa a elegante narrativa de Souty seria, pois, a contra-face do verdadeiro objeto de seu trabalho : o fazer antropológico situado entre dois limites, senão antagônicos, ao menos contraditórios : aquele de uma profissionalização que leva o antropólogo a ter como compromisso maior a restituição do seu trabalho para o seu grupo de origem – « sociedade » e « academia » – e/ou para os grupos com os quais conviveu e que aprendeu a reconhecer como alteridades irredutíveis ao cartesianismo de sua formação. A eles, então, a restituição do que refletiu e acumulou. A opção de Verger por esta última possibilidade não foi isenta de tensões, ambigüidades e dificuldades. Estas diziam respeito tanto à natureza do conhecimento que assim produziu como aos dilemas éticos e epistemológicos, situados nesta fronteira, que Verger tentou enfrentar. O livro de Souty explora este campo de relações entre os antropólogos e seus "outros".
- 4 Verger transforma-se em um personagem emblemático com muitas faces que apresentam os caminhos, as meias-voltas e os impasses da busca pela alteridade. Souty explora portanto o que teriam sido as conseqüências, insuficientemente formuladas por Verger, de suas atitudes em termos de trabalho antropológico. O que este por vezes, blasé, apresentava como uma idiosincrasia sua é retomado no livro como uma verdadeira questão, reveladora do desconforto que freqüentemente acompanha o projeto de conhecimento dos antropólogos. Reflexões ricas e minuciosas sobre as dificuldades teóricas de seu fazer pontilham a narrativa a respeito das atitudes de seu personagem. Souty amplifica o que poderia ficar abandonado no fundo de um arquivo no Musée de l'Homme para trazer ao leitor a complexidade desse campo de conhecimento. O livro desfia assim sucessivamente em seus capítulos questões que, dispersas, atravessam os debates antropológicos contemporâneos. Não pretendo enumerar todas aqui. Cito algumas, no entanto : o paradoxo de uma ciência escrita de culturas orais – a recusa inicial de Verger de escrever é o suporte através do qual o autor do livro discute os limites de um conhecimento textual « freqüentemente descontextualizado e acompanhado de uma abstração artificial e redutora » (p. 180). Fidelidade às representações dos atores, que

é discutida de forma a complexificar as partilhas entre o « campo » e os « pressupostos teóricos ». O privilégio atribuído ao « campo » possibilitou a Souty, por sua vez, discutir os modos de transmissão dos saberes e os comportamentos rituais, incluindo a proximidade com seus « outros » alcançada por Verger e relacionada à sua iniciação nos mistérios do culto de Ifá e à sua condição de mensageiro com em relação à África. A valorização de uma antropologia compartilhada em detrimento de uma troca que exclui os membros dos grupos observados também é transformada em questão relevante pelo autor. Em suma, Jérôme Souty não perde nenhuma oportunidade de apresentar o que seriam os frutos positivos da não-ortodoxia de Verger. Como distinguir o viver do observar, o aprender do usufruir, o compromisso ético da empatia circunstancial ? Como enfrentar as dificuldades que se impõem ao pesquisador para transmitir uma cultura oral pela escrita sem que esta perca a sua maleabilidade, o seu caráter corporal e afetivo, favorecendo uma fixação ossificada e des-subjetivada através da escrita ? O conhecimento do Outro, indaga o autor, pode ignorar o corpo, o diálogo, o silêncio da cumplicidade, a temporalidade lenta da iniciação e as suas relações de reciprocidade ? Como substituir um trabalho de imersão no qual o aprendizado se faz lentamente por absorção inconsciente por uma entrada « no campo » marcada pelo profissionalismo das exigências científicas ? Mas, como « voltar » à metrópole e às obrigações universitárias se se optou pela sociedade do « Outro » como lugar de vida e como referência ética e intelectual ? Como estar atento às inquietações das pessoas e, ao mesmo tempo, conjugá-las com os urgentes e inúmeros interesses ligados à existência do antropólogo que se constrói essencialmente em um outro lugar ? Como escapar da objetivação do « Outro », rapidamente apreendido por meio de entrevistas induzidas e indutoras e a serviço das questões teóricas distantes da reflexividade dos atores ? Não seriam os antropólogos quase que inevitavelmente levados a tratar com um certo descaso « colonial » os seus « outros », submetidos às injunções e exigências da sua própria sociedade ? Questões centrais do fazer antropológico têm no livro de Souty um lugar maior. Através de sua leitura da vida e da trajetória de Pierre Verger, o autor discute as condições de produção de conhecimento com e através das relações de alteridade.

- 5 Verger, apesar da radicalidade extrema de suas escolhas, também se dilacerou guardando uma fidelidade a certos valores de sua origem e a seus amigos intelectuais. Dos fios que ligaram Pierre Fatumbi Verger à França, Jérôme Souty não se debruça sobre os que revelam os efeitos negativos e perturbadores de suas escolhas existenciais. Por valorizar principalmente a positividade de seu distanciamento dos cânones da ciência, como já mencionamos, Jérôme Souty oferta-nos um percurso inusitado, rico e provocante sobre aquele que fez da transgressão cotidiana a seu estatuto social a regra de seu bem viver.

Dezembro de 2007